

# NARRATIVAS DE UM CRIME: A PERSONIFICAÇÃO DO CRIMINOSO E DA VÍTIMA NAS TRAMAS MIDIÁTICAS

Carla Leila Oliveira Campos  
Bianca Rabelo de Melo  
Thamara Elisa Ferreira da Silveira

## Introdução

Não há dúvidas de que notícias de crimes vendem jornais. Devido a esse fato, observamos de forma rotineira capas de jornais e revistas que trazem estampadas essas notícias. Principalmente, quando se trata de um crime que pode levar à comoção social ou que envolve pessoas conhecidas nacionalmente. Nesse sentido, a mídia, com o objetivo de apresentar uma cobertura em primeira mão dos fatos, mostra uma visão simplista dos eventos e dos sujeitos que neles estão envolvidos, recriando esses fatos por meio de uma ótica particular. Nesses termos, o que se percebe nesse tipo de cobertura é um pré-julgamento dos sujeitos que são transformados em bandidos e mocinhos por meio das categorias linguísticas que formam as tramas das notícias e reportagens.

Com isso, devido ao alto poder da mídia em produzir e fazer circular material simbólico, não há como negar a influência que esses textos exercem na formação de nossa opinião sobre os fatos e os sujeitos neles envolvidos e, conseqüentemente, no julgamento que esses sujeitos - no caso, o réu - receberá nos tribunais.

Assim, ao transformar séries complexas de eventos, cujas relações podem não ser claras, em discursos, via processos linguístico-discursivos que impõem a esses eventos uma determinada visão dos fatos, a mídia apresenta posicionamentos sobre as relações sociais vigentes, por meio de categorias que são objeto de negociações sociais na disputa por formas hegemônicas de apresentação desse mundo e de naturalização dos dizeres.

Considerando essas colocações preliminares e a importância do discurso na consolidação de semelhantes dizeres, este trabalho objetiva analisar como se dá a personificação do criminoso e da vítima em três reportagens especiais publicadas pelas revistas semanais de maior circulação nacional: *Veja*, *Isto É* e *Época*, sobre o caso de um crime amplamente noticiado pela imprensa em 2010. Trata-se do crime envolvendo o goleiro do Flamengo, Bruno, e Eliza Samudio, ex-amante do goleiro. A primeira dessas reportagens, publicada pela revista *Veja*, em 7 de julho de 2010, intitula-se “Traição, orgias e horror: o mundo do goleiro do Flamengo, ídolo da maior torcida do Brasil, ameaça ruir”. Já o segundo especial, publicado por *Isto É* na mesma data recebe o seguinte título: “Sexo, violência & futebol: conheça os bastidores da dramática história da garota Eliza Samudio com o goleiro Bruno, do Flamengo, que agitou o País e trouxe de volta a velha questão: até onde a mistura explosiva de fama, dinheiro e despreparo emocional pode destruir a vida de ídolos e dos que estão a sua volta”. Já a terceira reportagem, publicada na revista *Época*, em 12 de

julho de 2010, tem o título: “Indefensável: as novas confissões e os detalhes macabros do crime que chocou o Brasil e levou um ídolo do futebol para a cadeia”.

Nossa questão principal de investigação será, portanto, analisar como as estruturas linguísticas que compõem essas narrativas personificam esses sujeitos. Para tanto, adotaremos como categoria de análise as ações por eles empreendidas, por meio dos verbos que as expressam, por entendermos conforme Reuter (2007, p. 41) que o “fazer” dos personagens é um dos critérios que contribuem para a clareza do texto, funcionando como instrução de leitura na categorização desses personagens. Defendemos, assim, que a análise de semelhantes processos linguísticos pode nos oferecer importantes pistas sobre as crenças do sujeito produtor textual levando-nos, conseqüentemente, à identificação de como essas crenças, de forma constitutiva, alimentam e são alimentadas pelas práticas socioideológicas da sociedade.

Com o intuito de observar a manifestação dessas práticas sociais e ideológicas no discurso, compreendendo como a mídia constrói e estabiliza representações sociais, este trabalho se organiza da seguinte forma: em um primeiro momento, apresentamos os pressupostos teóricos e metodológicos que fundamentam nossas análises, definidos nos estudos da Análise Crítica do Discurso (ACD) desenvolvidos por van Dijk. Esse autor, com o objetivo de revelar as relações de poder e ideológicas embutidas no discurso, propõe que ele seja abordado por um quadro teórico-metodológico triangular, que envolve o próprio discurso, a sociedade e a cognição. Nesse sentido, a ACD deve voltar-se não só para a análise das propriedades formais do texto, estabelecendo uma relação entre estas e o meio social no qual o discurso se insere, como também considerar as propriedades cognitivas de produção/compreensão discursivas, consideradas em termos de modelos mentais e conhecimentos socialmente partilhados (*cognições sociais*). Ainda nesta etapa do trabalho, discorreremos sobre a configuração narrativa das matérias jornalísticas e sobre o papel fundamental dessas narrativas na elaboração de nossa compreensão do meio no qual nos localizamos. Desde que nascemos, somos confrontados com narrativas, sejam elas ficcionais ou não, de fundo moralizante ou marcadas pela crítica social. Com o desenvolvimento e expansão dos órgãos de comunicação de massa, nossa convivência com elas se tornou ainda mais próxima, o que nos leva a concordar com Fulton (2005a) quando afirma que num mundo dominado pela mídia impressa e eletrônica, nosso senso de realidade é estruturado por narrativas.

Num segundo momento do trabalho, apresentamos as análises dos trechos presentes nas reportagens, procurando observar, por meio das categorias linguísticas que imprimem ações aos personagens, como a ideologia dos grupos de poder opera na configuração do perfil desses personagens, estabelecendo a coerência narrativa que dá sustentação a uma ótica específica do evento em questão.

### **Pressupostos teóricos e metodológicos**

Ao compreender que todo sentido se inscreve em uma historicidade específica, a ACD, enquanto abordagem multidisciplinar, constitui-se em um domínio de estudo que examina as estruturas e funções textuais em seus contextos social, político e cultural. Aplicada ao estudo da

comunicação de massa, essa abordagem afirma, segundo van Dijk (1995b), que, com o objetivo de compreender o papel da informação midiática e suas mensagens, é preciso estar atento às estruturas e estratégias desses discursos e à forma como elas se relacionam às regras institucionais, por um lado, e à audiência, por outro. Se afirmamos, portanto, que a mídia influencia sua audiência, precisamos saber sob quais condições específicas, incluindo as propriedades estruturais das notícias, isso pode acontecer.

A ACD trata-se, portanto, de uma abordagem do papel do discurso frente à sociedade, em que o contexto e as ideologias atuam como centro dessa análise.

Nessa perspectiva, van Dijk (2010, p. 115), citando Fairclough e Wodak (1997), sintetiza os principais fundamentos da ACD, destacando os seguintes elementos: o fato de ela abordar problemas sociais; o reconhecimento de que as relações de poder são discursivas e de que o discurso, enquanto elemento histórico, constitui a sociedade e a cultura; o reconhecimento da estreita relação entre discurso e ideologia e de que a relação entre texto e sociedade é mediada; o entendimento de que a análise do discurso é interpretativa e exploratória e de que o discurso é uma forma de ação.

Procurando compreender como essas relações entre discurso, poder, estruturas sociais e ideologia se dão textualmente, na obra *Discurso e Poder*, van Dijk (2010) afirma que há uma ligação fundamental entre o conceito de ideologia e o papel do discurso na legitimação do poder. Ao defender essa posição, o autor procura definir a ideologia, não como tradicionalmente é vista pelas ciências sociais, mas sim como uma forma de cognição social.

Desse modo, a ideologia confere coerência às atitudes sociais que codeterminam as práticas sociais. Assim, o autor propõe uma teoria da ideologia fundada num triângulo, em que discurso, sociedade e cognição social se interligam e se influenciam. Sob esse prisma, a cognição funcionaria como uma ponte entre o discurso e o social.

O discurso possui um papel de enorme relevância na construção e disseminação das ideologias, pois é através dele que as informações e opiniões são expressas diante de uma coletividade. Porém, nem todos os indivíduos possuem os mecanismos para se fazerem ouvidos. É nesse sentido que o discurso se apresenta como uma eficiente ferramenta para a conservação e exercício do poder social nas mãos de um grupo restrito.

Fica, pois, patente que a produção e o controle do discurso são condições importantes para o exercício do controle social (VAN DIJK, 2010, p. 43). Assim, o grupo socialmente dominante é aquele que possui mais acesso aos meios de produção e circulação do discurso.

É o que esse grupo diz que atingirá a grande massa que, nessa estrutura social, permanece como se nada tivesse a dizer, nada passível de atenção dos mais poderosos socialmente. O discurso dominante só se preocupa em mostrar um lado dos fatos, aquele que lhe for mais conveniente, as vozes daqueles que não pertencem a esses grupos são silenciadas, não se conhece as suas versões, então, adota-se a versão do grupo dominante como única e verdadeira.

Diante disso, percebe-se a formação de uma elite simbólica, que controla o que será dito e a maneira como será dito. Para o autor, esse poder simbólico é também uma forma de poder ideológico: "As elites simbólicas desempenham um papel essencial ao dar sustentação ao aparato

ideológico que permite o exercício e a manutenção do poder em nossas modernas sociedades da informação e comunicação" (VAN DIJK, 2010, p. 46).

A chamada elite simbólica não é isenta de ideologias, aquele que escreve uma reportagem jornalística representa em suas escolhas, como vocabulário, número de páginas dedicadas ao assunto e a seleção de um tema em detrimento de outro, a posição de onde fala, o interesse a que tal discurso atende. A mídia, então, ocupa um lugar privilegiado na reprodução desse poder social.

Nessa perspectiva, inscreve-se o objetivo da ACD. Assim, se consideramos conforme van Dijk (2010) que a mídia influencia sua audiência, é preciso saber sob quais condições específicas, incluindo as propriedades estruturais das notícias, isso pode acontecer.

Vale ressaltar que o discurso está relacionado ao controle indireto da mente, desse modo, o autor argumenta que "se o discurso controla mentes, e mentes controlam ação, é crucial para aqueles que estão no poder controlar o discurso em primeiro lugar." (VAN DIJK, 2010, p. 18).

Nessa relação entre discurso e cognição social, van Dijk (2010) ressalta ser necessário considerar o discurso como o principal elemento responsável pela reprodução, na sociedade, não apenas das representações sociais, mas também do conhecimento socialmente partilhado.

Para o autor, porém, só o discurso não consegue reproduzir de maneira idêntica as representações sociais, sendo necessário para tanto o uso da cognição que, como sistema de representações socialmente partilhadas, permite a categorização dessas representações, que são acessíveis aos interlocutores do discurso através de sua memória semântica: "As representações sociais são também sociais porque são adquiridas, transformadas e utilizadas em situações sociais, ou seja, elas são cognições que são partilhadas por todos ou pela maioria dos membros de um grupo" (CAMPOS, 2006, p. 36).

Assim, as representações sociais se localizam na memória social, via cognições partilhadas socialmente, enquanto que os modelos estão na memória episódica, são essencialmente pessoais, pautados nas interpretações que se faz das outras pessoas, de eventos e ações específicas. Ao se presenciar uma cena, ou se ler um texto, cria-se um modelo desse evento ou atualiza-se um modelo já existente, o que o torna uma base referencial para a compreensão textual. Nesse sentido, os modelos mentais são a maneira como se enxerga o que acontece ao redor, os fatos.

Os modelos mentais não carregam somente características subjetivas, mas também contêm cognições socialmente partilhadas. Assim, esses modelos formam uma ponte entre representações sociais generalizadas e o uso individual dessas representações na percepção social, interação e discurso.

Semelhantes modelos são divididos em duas categorias: os modelos de eventos e os modelos de contexto. Os primeiros dizem respeito ao *o que é dito*, eles se relacionam à produção de significado. Já os modelos de contexto fornecem as bases referenciais para a compreensão do discurso, ou seja, envolvem o conhecimento dos participantes sobre a situação de comunicação, sendo essenciais para o seu desenrolar. Os modelos de contexto, portanto, controlam o modo como os falantes formulam as informações do modelo de evento.

Sobre os modelos de contexto, van Dijk (2012, p. 133) dispõe que:

O discurso é produzido e interpretado sob o controle de modelos mentais de contextos. Um dos componentes desses modelos é um dispositivo de

conhecimento que controla os modos como o conhecimento pessoal ou socialmente compartilhado dos falantes é administrado para produzir discursos ou interpretações apropriados. Nessa administração, são cruciais certas estratégias que, para a maioria dos discursos, se baseiam na natureza socialmente compartilhada do conhecimento dos interlocutores da mesma comunidade de conhecimento.

Dessa forma, o autor conclui que “o modelo de contexto é uma interface – um dispositivo de transformação – entre aquilo que sabemos e aquilo que contamos”. Relacionado ao discurso jornalístico, o autor destaca que “a norma jornalística geral é contar apenas aquilo que é considerado digno de ser noticiado de acordo com as normas e os valores dos jornalistas, eles próprios controlados por ideologias sociais e profissionais” (VAN DIJK, 2012, p. 151).

Os modelos de contexto, portanto, controlam o modo como os falantes formulam as informações do modelo de evento. Este último engloba não apenas conhecimentos sobre situações concretas, mas também crenças e opiniões. Os modelos de evento permitem, ainda, representações rápidas, efetivas e relevantes e a recuperação da informação de situações sociais na produção e compreensão do discurso.

Diz-se, portanto, que os modelos de evento formam a base para a compreensão dos eventos sociais com os quais os atores sociais são confrontados diariamente. A propriedade interessante dos modelos mentais de evento é que eles não representam apenas informações pessoais, subjetivas e provavelmente pré-concebidas sobre os eventos de nossa vida diária. Modelos mentais caracterizam também “*instanciações*” (especificações, exemplos) de crenças gerais e abstratas, incluindo as cognições sociais. Essas cognições não precisam ser ativamente pensadas no modelo mental. Elas podem estar apenas apresentadas no *background*, apontando para o conhecimento mais geral, do qual podem ser inferidas quando realmente necessárias para a compreensão de um evento. Assim, na interpretação de um discurso sobre um evento atual, nós precisamos ativar somente um pequeno fragmento de nosso conhecimento como, por exemplo, que o uso de armas pode matar pessoas, sem ativar tudo o que conhecemos de armas. Desse modo, podemos afirmar que os modelos destacam apenas as *instanciações* relevantes do conhecimento geral.

É possível pensar que falar ou escrever envolve a expressão de modelos mentais e que compreender essa fala e escrita envolve a construção (ou atualização) desses modelos.

As ideologias, como já afirmado, influenciam a construção dos modelos mentais, sendo os modelos de evento uma importante ligação entre elas e o discurso. Como já foi dito, diante da ligação entre ideologia, discurso e cognição social o sujeito não consegue se desvincular das ideologias dos grupos sociais a que pertence.

Os modelos mentais formam, portanto, a interface entre representações sociais generalizadas, por um lado, e o uso individual dessas representações na percepção social, interação e discurso, por outro.

Ao propor uma teoria multidisciplinar do discurso, van Dijk (1995a) afirma a necessidade, também na abordagem da ideologia, de uma teoria triangular que relacione sociedade, discurso e cognição social. Dessa forma, as ideologias são consideradas primeiramente como um tipo de

sistema de ideias, ou de cognições sociais partilhadas, ocupando um lugar no campo simbólico do pensamento, isto é, no sistema cognitivo. De acordo com a dimensão social, as ideologias estão associadas a interesses, conflitos e lutas entre grupos e instituições sociais envolvidos em seu desenvolvimento e reprodução. Elas podem, portanto, servir tanto à legitimação quanto à resistência ao poder e à dominação, levando-se em consideração o acesso às práticas discursivas. Finalmente, o conceito de ideologia pode estar associado ao uso da linguagem, o que significa que as ideologias são tipicamente expressas e reproduzidas na e pela linguagem. Isso não significa que elas sejam expressas somente por meio da linguagem, mas o uso da linguagem, dentre as outras práticas sociais, desempenha, segundo van Dijk (2000) um importante papel na reprodução das ideologias. Para o autor, é pelo discurso principalmente que as ideologias são expressas, adquiridas e representadas, por meio de estruturas e estratégias textuais. A dimensão discursiva explica, portanto, como as ideologias influenciam nossos textos, como nós compreendemos o discurso ideológico e como o discurso está envolvido na reprodução social da ideologia.

Nessa abordagem, as ideologias são, portanto, compreendidas como as estruturas básicas que organizam as cognições sociais partilhadas pelos membros dos grupos, organizações ou instituições sociais. Nesse sentido, as ideologias funcionam essencialmente como a interface entre as representações cognitivas e os processos que subjazem ao discurso e à ação, por um lado, e à posição e aos interesses dos grupos sociais, por outro lado. Segundo van Dijk (1995a), essa teoria da ideologia estabelece a ligação entre a análise do macronível social dos grupos, formações e estruturas sociais e os estudos do micronível da interação individual situada e do discurso.

Se considerarmos que as ideologias são expressas e reproduzidas na e pela linguagem, devemos assumir que é pelas formas linguísticas que dão materialidade aos discursos que essas ideologias são expressas. Nesse sentido, todas as categorias linguísticas são passíveis de sofrer investimento ideológico, o que não é diferente em relação às estratégias linguísticas das narrativas midiáticas.

A respeito da importância da narrativa nesse processo de reprodução/disseminação da ideologia, Fulton (2005b) afirma que a mídia transforma a vida diária numa história que, sob a máscara da imparcialidade, alimenta a crença em verdades universais e objetivas. Frente a essa afirmação, a ACD mostra-se bastante fecunda no sentido de mostrar como isso ocorre. Para tanto, deve o analista, partindo da superfície linguística do texto, chegar ao discurso, apreendendo as posições ideológicas em jogo e observando como elas trabalham na construção de determinada visão dos eventos e, no caso de nosso trabalho, dos atores sociais.

Nesses termos, as notícias e reportagens midiáticas, ainda que não se configurem em gêneros ficcionais, usam os modelos narrativos na apresentação de suas versões dos fatos sociais. Segundo Dunn (2005), o uso de semelhante modelo pela mídia pode criar um efeito de objetividade e neutralidade – contamos os fatos exatamente como eles ocorrem. Contudo, semelhante efeito procura mascarar o fato de que as narrativas midiáticas representam uma “visão” da realidade, que não pode ser apreendida em sua totalidade. Nesse sentido, Reuter (2007, p. 127-128) afirma que:

Antes de tudo, jamais algo é dito ou contado de maneira neutra. Toda palavra e todo enunciado correspondem a uma dupla escolha fundadora: escolha do que é dito, escolha da maneira de dizer. Nesse tocante, toda palavra, todo enunciado e toda narrativa portam valores e intenções que os opõem potencialmente a outras palavras, outros enunciados e outras narrativas. Portanto, o contar é sempre acompanhado de saberes, valores e efeitos.

De acordo com Ryan (2004, p. 8), para ser considerado narrativo, um texto precisa ter um conjunto de qualidades específicas. Baseada nas pesquisas da narratologia, que ela define como estudo formal da narrativa, a autora aponta as seguintes qualidades: 1) as narrativas precisam criar um mundo e habitá-lo com personagens e objetos; 2) nesse mundo, precisam ocorrer mudanças de estado causadas por acontecimentos específicos ou ações humanas. Tais mudanças criam uma dimensão temporal, localizando o mundo narrativo no fluxo da história; 3) constrói-se, em torno das narrativas, uma rede interpretativa que permita identificar objetivos, planos, relações causais e motivações dos personagens em torno dos eventos narrados. É a essa rede implícita que, segundo Ryan (2004), deve-se a coerência e a inteligibilidade dos eventos transformados em enredo. Para a autora, portanto, a narratividade transcende o estético e se configura num ato textual de representação, presente em diferentes esferas sociais e amplamente utilizado pela mídia.

Para Machill, Köhler e Waldhauser (2007), a utilização de narrativas pelos meios de comunicação tem, pelo menos, três consequências: 1) a simplificação, motivada pela personificação e emocionalização; 2) a exibição de temáticas leves, com toque humanizado, ao invés da discussão de tópicos socialmente relevantes; 3) uma tendência ao exagero e à autorreferência.

Para confirmar o caráter simplificador das notícias em formato narrativo, os autores realizaram uma pesquisa com telespectadores de jornais televisivos, na qual constataram que a utilização de narrativas pela mídia facilita a compreensão e a reprodução por parte desses telespectadores das notícias recebidas. Nesse sentido, a audiência exposta a reportagens construídas por meio de esquemas narrativos mostrou-se mais capaz de se lembrar, compreender e reproduzir as reportagens do que aquela exposta a entrevistas, comentários etc.

Esse caráter simplificador parece-nos fundamental para a produção e, principalmente, para o intercâmbio de material simbólico, conforme propõe Thompson (1998) e ainda para a construção de nossos modelos mentais sobre os eventos noticiados, moldando a forma como compreendemos semelhantes eventos e os atores sociais nele envolvidos. Nesse sentido, não somente a oferta, mas também a simplificação das notícias e reportagens contribui para o aumento da circulação das formas simbólicas, bem como facilita a relação que mantemos com elas. Em outras palavras: quanto mais acessíveis se tornam esses materiais simbólicos, seja pela maior oferta, seja por seu “formato” mais compreensível, maior será a relação dos receptores com eles.

Outro importante efeito da construção narrativa das matérias jornalísticas refere-se, ainda de acordo com Fulton (2005b), à individualização dos eventos noticiados. Esse efeito está relacionado à associação dos eventos a indivíduos específicos numa configuração em que a esses indivíduos são atribuídos papéis sociais, qualidades pessoais e formas de interação que os levam a

desempenhar funções de agentes ou pacientes, revelando a forma como os percebemos, enquanto representantes de classes sociais e de ações específicas (FULTON, 2005b).

Essas oposições binárias entre indivíduos, transformados em personagens, são claramente perceptíveis no uso rotineiro do conflito, por parte da mídia, como forma de enquadramento das histórias (FULTON, 2005b), alimentando oposições do tipo: esquerda *versus* direita, oriente *versus* ocidente, bem *versus* mal, que possibilitam a personalização dos indivíduos como heróis ou vilões.

Desse modo, se nosso sentido de realidade é estruturado por narrativas (FULTON, 2005b), do ponto de vista da ACD, torna-se, pois, fundamental, compreender como as narrativas veiculam crenças e visões específicas sobre os eventos narrados e contribuem para a formação de nossa opinião sobre semelhantes eventos, levando-nos, no caso do tema de nosso trabalho, a fazer um julgamento prévio dos atores sociais. Com o intuito de observar como isso se dá textualmente, adotamos como categorias de análise as ações empreendidas por cada um desses sujeitos, por meio dos verbos que as expressam.

Nesses termos, considerando o aspecto cognitivo da análise do discurso proposta por van Dijk, podemos perceber como, por meio de processos de personificação dos indivíduos, os sujeitos discursivos podem exercer o que o autor chama de controle estratégico da informação e, conseqüentemente, do conhecimento que temos sobre os eventos e os indivíduos. Assim, argumentamos que, se o discurso categoriza um determinado indivíduo em termos da construção de sua imagem de bandido ou mocinho, de forma condizente às crenças, atitudes e ideologias do grupo do qual o locutor participa, o conhecimento dos interlocutores sobre esse indivíduo vai ser modelado, influenciando o julgamento que o interlocutor fará desse indivíduo.

### **Análise do corpus**

Como dito anteriormente, analisaremos neste trabalho as ações delegadas aos personagens Bruno e Eliza. Segundo Reuter (2007, p. 41), os personagens têm papel fundamental na organização das histórias, pois "permitem as ações, assumem-nas, vivem-nas, ligam-nas entre si e lhes dão sentido", o que leva o autor a afirmar que "*toda história é história de personagens*" (REUTER, 2007, p. 41. Grifos do original). Nas narrativas midiáticas isso não é diferente. Portanto, se vimos anteriormente, conforme Fulton (2005b), que há uma tendência à individualização dos eventos por parte da mídia, vejamos como, no caso de um crime, esse processo de construção dos personagens se dá. Para tanto, começaremos pela análise das ações delegadas ao possível autor do crime, no caso o goleiro Bruno, nas três revistas que compõem nosso *corpus*. Posteriormente, apresentaremos as ações atribuídas à vítima, Eliza.

#### *Ações delegadas ao possível autor do crime (Bruno)*

<b>Veja</b>	<b>Isto É</b>	<b>Época</b>
Informações obtidas por VEJA indicam que Bruno <i>mentiu em suas declarações</i> .	Os bastidores da conturbada relação de Eliza Samudio, desaparecida há 20 dias, e do goleiro Bruno, que a polícia suspeita <i>de ter cometido</i>	Na sala da diretoria da Polinter, para onde foi assim que se entregou na quarta-feira, um Bruno alheio a tudo <i>pediu para ver, pela fresta da persiana, a</i>



	<i>sequestro e homicídio.</i>	<i>multidão lá embaixo. Olhou por alguns segundos, fechou a persiana e, em seguida, se distraiu com o símbolo da Polícia Civil desenhado num vidro.</i>
<i>A frase teria sido dita a ela pelo goleiro Bruno, que queria forçá-la a abortar.</i>	<i>Eliza acusara Bruno de agressões violentas devido a uma gravidez que, segundo ela, o goleiro queria interromper.</i>	<i>Bruno virou-se para a delegada: - A senhora já viu o filme Ninho de Águias? Veja. É muito bom.</i>
<i>Na conversa, mudou a versão de que não havia ido ao sítio no período em que, segundo testemunhas, Eliza esteve lá.</i>	<i>Ao som do conjunto de pagode Pique Novo e em clima de festa, os dois se aproximaram e se beijaram.</i>	<i>Bruno em seguida teria chorado e dito estar arrependido e preparado para as consequências.</i>
<i>Quando Eliza procurou os jornais para tornar pública a gravidez, o atleta teve acessos de fúria.</i>	<i>Bruno enfrentou privações (a exemplo de tantos jogadores brasileiros) até atingir o estrelato, virar capitão do Flamengo e ser dono de um salário de R\$ 200 mil.</i>	<i>Depois do crime, segundo o delegado Edson Moreira, chefe da Homicídio de Minas, Bruno 'bebeu uma cervejinha, sossegado'.</i>
<i>Mais tarde, o goleiro teria intimado a ex-amante de arma em punho.</i>	<i>Bruno teria passado a ameaçá-la.</i>	<i>A frieza de Bruno ao aparecer sorrindo e dizendo que nada sabia sobre o caso seria um indício de psicopatia.</i>
<i>A essa altura, o goleiro havia tempos já não atendia mais os telefonemas de Eliza.</i>	<i>[...] onde se sagrou um dos melhores goleiros do Campeonato Brasileiro daquele ano. Na mesma época, começou a virar notícia por se envolver em polêmicas e brigas.</i>	<i>Segundo ela, Bruno teria dito: "Se eu te matar e te jogar em qualquer lugar, ninguém vai descobrir. Nada vai me acontecer porque eu sou o Bruno, do Flamengo.</i>
<i>Afável, ele a convidou para que fosse ao Rio. Disse que estava disposto a submeter-se ao teste de DNA para comprovar a paternidade do bebê e, se o resultado desse positivo, acertar o pagamento de uma pensão. Alojou Eliza num flat e, em meados de maio, foi conhecer a criança. Pegou-a no colo e disse que era 'a cara do pai'.</i>	<i>Aparentando tranquilidade [em entrevista coletiva], disse: "Torço para que ela possa aparecer, é constrangedor para mim e para a minha família. Quero que a gente possa voltar a conversar e ser feliz. Tá difícil ..." disse ele, que afirmou não ver Eliza há mais de dois meses. Sobre o aparecimento da criança em seu sítio, o atleta repassou a responsabilidade.</i>	
	<i>Luiz Carlos Samudio, pai de Eliza, não tem esperança de encontrá-la com vida. Bruno planejou essa armadilha para cumprir a ameaça de matá-la" acusa ele.</i>	

Se os personagens podem ser caracterizados pelo que fazem, por suas ações, percebe-se que, para a revista *Veja*, a personalidade de Bruno, até então suspeito pelo desaparecimento e morte de Eliza Samúdio, é delineada em torno de três características principais: a mentira, como

nos provam os seguintes trechos: Bruno mentiu em suas declarações, mudou a versão de que não havia ido ao sítio; a violência ou o descontrole emocional, presente nos enunciados: queria forçá-la a abortar, o atleta teve acessos de fúria, o goleiro teria intimado a ex-amante de arma em punho; e, por fim, a mudança de personalidade, pois se inicialmente ele "não atendia mais os telefonemas de Eliza", posteriormente, "a convidou para que fosse ao Rio. Disse que estava disposto a submeter-se ao teste de DNA para comprovar a paternidade do bebê e, se o resultado desse positivo, acertar o pagamento de uma pensão. Alojou Eliza num flat" [...] "foi conhecer a criança. Pegou-a no colo e disse que era a cara do pai", demonstrando mais uma vez o comportamento instável do goleiro. Contudo, é importante lembrar que essa mudança de comportamento tinha como objetivo pôr em prática, segundo a revista, o plano de dar fim à vida de Eliza, destacando, também, o perfil frio do goleiro.

Em *Isto É*, por sua vez, existe o relato de como a carreira de Bruno iniciou-se, destacando a origem pobre, até ser "dono de salário de 200 mil reais", e "sagrar-se como um dos melhores goleiros", mas apontando que desde essa época ele já era notícia por seu comportamento instável e violento. A reportagem apresenta o início da relação entre Bruno e Elisa: "ao som do conjunto de pagode Pique Novo e em clima de festa, os dois se aproximaram e se beijaram." E o posterior desejo dele se ver livre da criança que a amante esperava: "Eliza acusara Bruno de agressões violentas devido a uma gravidez que, segundo ela, o goleiro queria interromper." Há ainda o enfoque na atitude fria assumida pelo jogador no momento da entrevista coletiva concedida quando o sumiço de Eliza veio a público, na qual ele tenta se eximir de qualquer responsabilidade, inclusive sobre o bebê: "Aparentando tranquilidade [em entrevista coletiva], disse: [...]. Sobre o aparecimento da criança em seu sítio, o atleta repassou a responsabilidade". O perfil frio e perigoso de Bruno é destacado na declaração do pai de Eliza, ao afirmar que o goleiro planejou a armadilha para cumprir a ameaça de matar Eliza. Percebe-se que a construção do personagem de Bruno pela revista é feita de maneira gradativa, apontando para diferentes fases de sua trajetória, mas sempre dando especial ênfase ao comportamento instável e violento do atleta.

A personalidade fria e instável de Bruno, presente em *Veja* e em *Isto É*, recebe destaque na revista *Época*, que, em vez de focar-se nas supostas ações do goleiro relacionadas à morte de Eliza, dá destaque a suas atitudes após o ato, relatando a maneira inconstante e fria de seu temperamento. Assim, em um primeiro momento, há a imagem de indiferença pela situação vivida: "[...] um Bruno alheio a tudo pediu para ver, pela fresta da persiana, a multidão lá embaixo. Olhou por alguns segundos, fechou a persiana e, em seguida, se distraiu com o símbolo da Polícia Civil desenhado num vidro" e, na conversa que teve com a delegada, indicando, inclusive, um filme a ela; depois a imagem de um Bruno desesperado "Bruno em seguida teria chorado e dito estar arrependido e preparado para as consequências". Mas com a confirmação dos aspectos frios e cínicos do goleiro (que, segundo o delegado, bebeu uma cervejinha, sossegado, após o crime), enfatizados pela sua certeza de impunidade sobre qualquer ação delituosa que praticasse pelo poder que imaginava possuir: "Se eu te matar e te jogar em qualquer lugar, ninguém vai descobrir. Nada vai me acontecer porque eu sou o Bruno, do Flamengo." Merece destaque o seguinte trecho da revista: "A frieza de Bruno ao aparecer sorrindo e dizendo que nada sabia sobre o caso seria um

indício de psicopatia", que não só destaca a frieza de suas ações como as enquadra em um caso de psicopatia, demonstrando o perigo de ele continuar a viver em sociedade.

*Ações delegadas à vítima (Eliza)*

<b>Veja</b>	<b>Isto É</b>	<b>Época</b>
Eliza colecionava fotos com jogadores de futebol.	Eliza Samúdio já era levada dentro de uma cestinha às peladas que seu pai disputava, em Foz do Iguaçu (PR), sua cidade natal. "Eu jogava e minha filha ficava ao lado do gramado com meus familiares.	Assustada, ela teria tentado tomar a arma e, sem conseguir, recebido três coronhadas na cabeça.
O goleiro do Flamengo não foi o primeiro atleta com quem Eliza se relacionou.	A "bebê do papi", como ele a tratava, continuou atraída pelo esporte e chegou a jogar bola na adolescência.	
Eliza colocou fotos suas ao lado de sete diferentes jogadores.	"Um dia vou conhecer esses jogadores", costumava repetir. Aos 20 anos, mudou-se para a capital paulista decidida a se aproximar de seus ídolos e a ser modelo. Nas passarelas, não teve sucesso.	
Fez a assinatura de uma TV a cabo só para assistir aos jogos do Flamengo. Escolheu como fundo de tela do computador uma foto de Bruno e ainda pendurou na porta do quarto um quadro com uma bola de futebol e o nome do jogador pintado a mão.	[...] ela se destacava nos eventos nos quais trabalhava como recepcionista e nas festas que também eram frequentadas por jogadores, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Teve relacionamento íntimo com alguns desses atletas [...]	
Quando Eliza procurou os jornais para tornar pública a gravidez, o atleta teve acessos de fúria.	[...] Se isso se confirmar [a morte de Eliza por Bruno], a atração que Eliza sentia por jogadores de futebol pode ter selado de forma trágica o seu destino.	
Em outubro do ano passado, Eliza registrou queixa dizendo que Bruno a havia forçado a ingerir abortivos.	Irritada ao saber desse romance, Eliza decidiu vir a público revelar que esperava um filho do goleiro. E o inferno começou.	
Mesmo ameaçada e agredida por Bruno, conta a enfermeira, Eliza se comportava como uma mulher apaixonada.	[...] ela denunciou à polícia carioca que fora sequestrada e agredida por ele e que, com uma arma apontada para sua cabeça, disse ter sido ameaçada de morte e obrigada a tomar uma bebida abortiva.	
[...] da ex-amante que o pressionava a assumir um filho.	Ela queria que ele assumisse a paternidade e pagasse uma pensão. Ele queria distância dela e da criança. Por fim, Eliza disse às amigas que iria até a cidade mineira de Contagem, na Grande Belo Horizonte [...].	
	Eliza trabalhava como recepcionista em eventos e gostava de crianças, ajudou inclusive a cuidar de um dos seus três meio-irmãos.	

	<i>Ela deixou a criança [Bruninho] com ele [Bruno] porque queria resolver uns problemas pessoais [...].</i>	
--	---	--

Como podemos observar a partir dos enunciados acima apresentados, na revista *Veja*, Elisa é retratada como uma mulher que tinha admiração profunda por jogadores de futebol ("dos quais colecionava fotos") e que manteve relacionamentos com vários deles. Desses relacionamentos, a revista destaca seu caso com Bruno, por meio de todas as ações empreendidas por Eliza envolvendo o goleiro (assinatura de TV para assistir aos jogos do Flamengo, utilização da foto de Bruno como fundo de tela do computador, o uso na porta do quarto de um quadro com uma bola e o nome do jogador). Essas ações contribuem para a construção da imagem de uma mulher apaixonada, o que é comprovado pelo penúltimo enunciado do grupo que diz claramente que "Eliza se comportava como uma mulher apaixonada". Note-se que a mudança nesse clima de romance, que existia pelo menos para Eliza, é marcada pela divulgação da gravidez na mídia, deixando Bruno furioso e o levando a obrigar Eliza a ingerir abortivos. Ela, por sua vez, o pressionava a assumir o filho.

A revista *Isto é* apela para uma construção progressiva da personalidade da vítima, recorrendo a sua infância e adolescência e mostrando que desde jovem ela já buscava laços com a fama, com o mundo do futebol (incentivada pelo pai, inclusive), encantamento que a fazia sonhar com o dia em que ia "conhecer esses jogadores" e que culminou com sua ida para São Paulo para se aproximar de seus ídolos e ser modelo, carreira na qual não obteve sucesso. Seu sonho de infância de se aproximar dos jogadores só se concretiza quando ela começa a trabalhar de recepcionista em festas e eventos frequentados por atletas e a se relacionar intimamente com alguns deles. A partir do quinto enunciado acima exposto, a construção da imagem de Eliza sofre uma mudança significativa ao se afirmar que sua atração pelos jogadores pode ter marcado de forma trágica sua vida. Note-se que a partir desse momento a revista passa a focar em suas ações mais atuais, relacionadas ao goleiro do Flamengo: a jovem bonita e sonhadora revela à imprensa sua gravidez e passa a viver num "inferno": ela sofre sequestro, ameaças, agressões físicas, ameaça de morte por arma de fogo e é obrigada a tomar uma bebida abortiva, quando queria apenas que Bruno assumisse a paternidade do filho. É interessante observarmos que nessa fase da narrativa, Eliza é sujeito passivo das ações de violência apresentadas e Bruno sujeito ativo. Nessa saga pela busca do reconhecimento da paternidade de seu filho, Eliza acaba indo ao encontro da própria morte como nos revela o seguinte enunciado: "Por fim, Eliza disse às amigas que iria até a cidade mineira de Contagem, na Grande Belo Horizonte [...]". Os dois últimos enunciados recolocam Eliza na posição de sujeito ativo das ações apresentadas, revelando seu caráter de boa mãe que só "deixou a criança com ele [Bruno] porque queria resolver uns problemas pessoais", nuance de sua personalidade que pode ser confirmada por suas ações passadas, pois gostava das crianças nos eventos em que trabalhava e ajudou "a cuidar de um dos seus três meio-irmãos".

Enquanto as outras revistas dão grande destaque às ações de Eliza, em *Época*, temos apenas um enunciado que remete a suas atitudes. Nele, Elisa é representada tentando se defender da violência que sofreu, em uma posição passiva, em que suas tentativas se viram frustradas: "Assustada, ela teria tentado tomar a arma e, sem conseguir, recebido três coronhadas na cabeça".

## Comentários às análises

Se concordamos inicialmente com Reuter (2007) quando afirma que as personagens têm papel fundamental na organização das histórias, pois elas assumem e vivem ações, ligando-as de forma a dar sentido aos eventos narrativos, faz-se importante observarmos como esse processo de coerência das narrativas midiáticas se constrói e mais, como a partir de sua construção, revela determinados posicionamentos sobre o evento social em questão, por meio dos modelos mentais ativados no processo de construção desses textos. Por outro lado, se os personagens têm uma importância tão fundamental no processo narrativo, permitindo a afirmação de que as histórias são histórias de personagens, não há como negar que os contornos atribuídos a esses personagens influenciam sobremaneira a forma como os receptores leem esses textos e, a partir dessa leitura, constroem/atualizam modelos mentais que permitem a compreensão do evento social.

Nesses termos, observando as ações delegadas ao suspeito pelo desaparecimento da vítima nas três revistas analisadas, podemos afirmar, ainda que observadas pequenas diferenças entre um periódico e outro, que a imagem construída para o personagem em questão é delineada em torno de características de orientação negativa, pois ele mente, é violento, descontrolado emocionalmente, frio, instável, perigoso, indiferente, cínico, com indícios de psicopatia e convicto de sua impunidade, por acreditar ter muito poder.

Já a vítima é apresentada, também com pequenas diferenças de uma revista para outra, como uma pessoa que gostava de crianças, boa mãe e sonhadora, desde criança encantada pelo mundo do futebol e seus astros, traço este que marcou profundamente sua história, pois, devido a essa paixão e impulsionada pelo sonho de conhecer seus ídolos e alcançar a fama, mudou-se para outra cidade, iniciando a trajetória que a levaria ao seu fatídico fim. Como viu frustrado seu sonho de ser modelo, começou a trabalhar como recepcionista de festas e, o mais próximo que conseguiu chegar de seus ídolos, foi se relacionando intimamente com eles. Até que, em uma dessas festas, conhece Bruno por quem se apaixona, empreendendo várias ações que comprovam esse sentimento. Essa paixão que, inicialmente, poderia marcar o início de um conto de fadas, resgatando sentimentos que Eliza nutria desde a infância pelos ídolos do futebol, toma um rumo diferente e desencadeia uma série de acontecimentos trágicos. Eliza tem um filho de Bruno, descobre que ele tem um relacionamento com outra mulher e, a partir do momento em que começa a cobrar do goleiro o reconhecimento da paternidade da criança, as ações dos personagens tomam um rumo diferente. A imagem de Eliza passa a ser construída não pelas ações por ela empreendidas, mas sofridas, pois passa ao papel de sujeito paciente dos atos de crueldade praticados por Bruno que contribuem para a construção da imagem da personagem-vítima marcada pelo sofrimento. Se antes esse sofrimento estava associado a um sonho de infância frustrado, agora ele se configura em sofrimento físico: ela é forçada a tomar remédio abortivo, é ameaçada, sequestrada, agredida e levada "ao encontro da própria morte".

Em relação às trajetórias dos personagens rumo ao (in)sucesso, é interessante observarmos como a revista *Isto É*, principalmente, narra os fatos dessas trajetórias. Bruno é caracterizado como

uma criança que enfrentou privações, mas alcançou o estrelato, sagrando-se como um dos melhores goleiros do campeonato brasileiro, dono de um salário de R\$ 200 mil reais. Mas nem mesmo o sucesso foi capaz de mudar seu perfil violento, pois "começou a virar notícia por se envolver em polêmicas e brigas". Já Eliza, a personagem que desde criança sonhava com a fama e em conhecer os ídolos do futebol, opostamente a Bruno, teve uma trajetória marcada pelo fracasso. Em busca dos sonhos, tentou ser modelo, não obteve sucesso e começou a trabalhar de recepcionista de festas e a se envolver com jogadores, sendo que essa "a atração que [...] sentia por jogadores de futebol pode ter selado de forma trágica o seu destino". Contudo, mesmo com todas essas adversidades, Eliza não perdeu a admiração que nutria desde a infância pelos ídolos e nem o sentimento que tinha pelas crianças, já que cuidara, no passado, dos meio-irmãos e gostava das crianças das festas em que trabalhava. Assim, por meio das trajetórias de vida dos personagens, observa-se como o caráter individual de cada um deles se impõe aos meandros do destino: Bruno alcançou o sucesso e, por isso, não teria motivos para praticar atos de violência, por isso, podemos inferir que seu perfil era o de um indivíduo naturalmente ruim. Eliza, por sua vez, mesmo com todas as adversidades do destino que a forçaram, inclusive, a praticar atos tidos como negativos (como o envolvimento íntimo com vários jogadores de futebol), manteve sentimentos bons já presentes em seu caráter desde a infância.

Nesse processo de narrativização dos eventos sociais, percebemos o acionamento de um modelo mental, constantemente retomado em matérias jornalísticas que envolvem o crime, que se alimenta, principalmente, em posicionamentos ideológicos de grupos que veem a violência de modo geral numa relação maniqueísta entre o bem e o mal. É, portanto, com base nesse modelo mental e nos posicionamentos dele advindos que se deu a personificação de Bruno e Eliza nas tramas das três narrativas analisadas.

Assim, se afirmamos inicialmente que os modelos de evento são estruturas cognitivas complexas, que englobam não apenas conhecimentos individuais sobre situações concretas, mas também crenças, opiniões e ideologias adquiridas por meio das cognições sociais, é possível perceber, em nossas análises, como essas ideologias trabalham na organização da rede interpretativa das narrativas (RYAN, 2004), possibilitando o pré-julgamento e a condenação do personagem "criminoso".

Vejam, pois, como isso ocorre por meio dos vários processos responsáveis pela coerência e inteligibilidade das narrativas. Num primeiro momento, cabe-nos destacar o processo de individualização dos eventos sociais, pois todas as mudanças de estado presentes nas narrativas foram empreendidas por ações humanas: o sucesso ou o fracasso dos personagens, o envolvimento entre eles, os problemas gerados desse envolvimento até a resolução do conflito (Bruno agiu premeditadamente, atraindo Eliza para o seu destino trágico e ela, apaixonada, foi inocente em não perceber suas intenções macabras). Nesse sentido, se o indivíduo é responsável e livre para praticar seus atos, justifica-se sua punição quando ele vai contra ao que é aceito e valorizado pela sociedade. Eliza, por desejar a fama, pela atração que sentia por jogadores de futebol e por se relacionar intimamente com vários deles, fora punida pelos insucessos em sua vida e com seu fim trágico. Já Bruno que, mesmo tendo experimentado o sucesso, cometeu atos criminosos, não merece o perdão da sociedade.

Vemos, portanto, nessas narrativas, ideologias disseminadas socialmente e que alimentam as relações de poder que, como vimos, associam os eventos aos indivíduos e que permitem, quando os indivíduos, mesmo que supostamente, praticam atos fora dos padrões sociais sejam pré-julgados e condenados pelos órgãos de comunicação, mesmo que essa condenação prévia fira o princípio constitucional da presunção da inocência, previsto no artigo 5º, inciso LVII da Constituição Federal de 1988. Aplicado ao processo penal, Estefam e Gonçalves (2013, p. 117) afirmam que esse princípio garante ao acusado pela prática de uma infração penal, a prerrogativa de que não será considerado culpado até que a sentença penal condenatória transite em julgado.

No plano discursivo das narrativas analisadas, os modelos de contexto exercem um importante trabalho na textualização dessas ideologias presentes no macronível social, pois controlam o modo como o conhecimento (pessoal e social) armazenado no modelo de evento deve ser administrado para produzir discursos apropriados. Nesse sentido, vimos como as ações delegadas aos personagens - criminoso e vítima - constroem suas imagens de acordo com as intenções comunicativas postas em jogo, conferindo às narrativas uma pretensa imparcialidade que, como vimos em Fulton (2005b), alimenta a crença em verdades objetivas, como se a realidade pudesse ser apreendida em sua totalidade.

E é essa pretensa objetividade, calcada na afirmação de que a mídia relata os fatos exatamente como eles ocorrem, que permite aos grupos de poder - as elites simbólicas - não só apresentar sua versão dos fatos como a única possível, como também desqualificar a versão do outro: Bruno mentiu em suas declarações e as demais falas atribuídas ao personagem contribuem para a configuração de sua imagem de pessoa fria e alheia ao crime bárbaro que teria cometido.

No plano da recepção, se afirmamos que o discurso exerce um controle indireto da mente da audiência, não há como negar o papel dessas narrativas na construção do perfil desses personagens para o público leitor. Não estamos afirmando com isso que a audiência seja totalmente passiva na recepção dos textos midiáticos, mas à medida que lhe é apresentada uma única versão dos fatos, por meio de narrativas que atualizam um modelo mental sobre o crime amplamente aceito em nossa sociedade e que silenciam ou desqualificam a voz dos que não pertencem ao grupo dominante, fica difícil a construção de uma imagem diferente dos personagens envolvidos nas tramas narrativas.

## **Considerações finais**

Nosso objetivo neste trabalho foi analisar, em três reportagens sobre o “caso Bruno”, como os sujeitos sociais - criminoso e vítima - são personificados, por meio das ações que lhes foram delegadas nas tramas das narrativas midiáticas. Para empreender semelhante análise, fundamentamo-nos nos pressupostos teórico-metodológicos da ACD, desenvolvidos nos trabalhos de van Dijk, com o intuito de compreender como os posicionamentos ideológicos dos sujeitos influenciam suas percepções cognitivas sobre os eventos sociais e como essas cognições se refletem na maneira como produzem e interpretam os discursos.

Nossas análises permitiram-nos identificar que as revistas adotam um posicionamento praticamente unívoco sobre o evento social, por meio das imagens que criam da vítima e do criminoso, calcadas no modelo mental que compreende eventos criminosos numa relação entre o bem e o mal. No caso, o bem foi representado pela personagem Eliza, cujas ações permitiram a construção de sua imagem de vítima indefesa (vítima do destino e da crueldade de Bruno). Já o mal foi associado ao personagem Bruno que, mesmo tendo obtido sucesso na vida profissional, sempre praticou ações que revelavam seu caráter potencialmente perverso.

Assim, as ações delegadas a esses dois personagens, que configuram o caráter de ambos, permitem aos leitores não só atribuírem coerência à narrativa como também promovem um pré-julgamento desses personagens, principalmente daquele que, supostamente, é responsável pelo crime e, desse pré-julgamento, sua condenação pela opinião pública. Assim, por meio das categorias linguísticas que caracterizam esses personagens, constroem-se os pontos de vista sobre o evento em questão, revelando o posicionamento do sujeito produtor textual sobre os fatos e influenciando na forma como percebemos esses indivíduos e, conseqüentemente, na forma como os julgamos. Aliado a essas questões, consideramos ainda que, em primeiro lugar, essas enunciações fazem parte do jogo enunciativo da mídia e, em segundo lugar, que essas posições do locutor marcam o seu lugar na sociedade, definindo olhares sobre os fatos e as pessoas nele envolvidas. Esses pontos de vista contribuem, portanto, para a manufatura da opinião pública e, conseqüentemente, refletem-se nos tribunais, já que o judiciário não é alheio aos anseios da sociedade e é composto por sujeitos pertencentes a essa sociedade.

## Referências

- BRASIL (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1988.
- CAMPOS, Carla Leila Oliveira. *Mídia, discurso e referenciação: a construção do objeto discursivo guerra no Iraque*. 2006. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2006.
- DUNN, Anne. Television news as narrative. In: FULTON, Helen Elizabeth *et al. Narrative and media*. New York/EUA: Cambridge University Press, 2005. p. 140-152.
- ESTEFAM, André; GONÇALVES, Victor E. R. *Direito penal esquematizado: parte geral*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2013.
- FULTON, Helen Elizabeth. Introduction: the power of narrative. In: FULTON, Helen Elizabeth *et al. Narrative and media*. New York/EUA: Cambridge University Press, 2005a. p. 1-7.
- FULTON, Helen Elizabeth. Print news as narratives. In: FULTON, Helen Elizabeth *et al. Narrative and media*. New York/EUA: Cambridge University Press, 2005b. p. 218-244.
- MACHILL, Marcel; KÖHLER, Sebastian; WALDHAUSER, Markus. The use of narrative structures in television news: an experiment in innovative forms of journalistic presentation. *European Journal of Communication*, v. 22, n. 2, 2007. p. 185-205. Disponível em: <<http://ejc.sagepub.com>>. Acesso em: 14 nov. 2007.
- REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007.
- RYAN, Marie-Laure. Introduction. In: RYAN, Marie-Laure (Editor). *Narrative across media: the language of storytelling*. Lincoln, Nebraska: University of Nebraska Press, 2004. p. 1-40.
- THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.



VAN DIJK, Teun A. Ideological discourse analysis. *New Courant* (English Dept.). Helsinki, v. 4, p. 135-161, 1995a. Disponível em: <[www.discourses.org/MainPage2.html](http://www.discourses.org/MainPage2.html)> Acesso em: 20 nov. 2004.

VAN DIJK, Teun A. Power and the news media. In: PALETZ, D. (ed.) *Political communication and action*. Cresskill, NJ: Hampton Press, 1995b. p. 9-36. Disponível em: <[www.discourses.org/MainPage2.html](http://www.discourses.org/MainPage2.html)> Acesso em: 20 nov. 2004.

VAN DIJK, Teun A. *Ideology and discourse: a multidisciplinary introduction*. Internet course for the Oberta de Catalunya. Catalunya: UOC, 2000. Disponível em: <[www.discourses.org/MainPage2.html](http://www.discourses.org/MainPage2.html)> Acesso em: 20 nov. 2004.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e poder*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. São Paulo: Contexto, 2012.